

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CAMPUS SÃO BERNARDO
LICENCIATURA PLENA EM CIÊNCIAS HUMANAS/SOCIOLOGIA

REBECA MARQUES PRUDÊNCIO

HISTORIOGRAFIA CICERONIANA:

A importância dos antigos e a história como mestre de vida

São Bernardo – MA

2024

REBECA MARQUES PRUDÊNCIO

HISTORIOGRAFIA CICERONIANA:

A importância dos antigos e a história como mestre de vida

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia, Campus São Bernardo, da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Ciências Humanas/Sociologia.

Orientador (a): Amanda Gomes Pereira

São Bernardo – MA

2024

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

PRUDÊNCIO, REBECA MARQUES.

HISTORIOGRAFIA CICERONIANA : A importância dos antigos
e a história como mestre de vida / REBECA MARQUES
PRUDÊNCIO. - 2024.

41 p.

Orientador(a): AMANDA GOMES PEREIRA.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas -
Sociologia, Universidade Federal do Maranhão, São
Bernardo-MA, 2024.

1. Cícero. 2. Historiografia. 3. Retórica. I.
PEREIRA, AMANDA GOMES. II. Título.

REBECA MARQUES PRUDÊNCIO

HISTORIOGRAFIA CICERONIANA:

A importância dos antigos e a história como mestre de vida

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia, Campus São Bernardo, da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Ciências Humanas/Sociologia.

Orientador (a): Dra. Amanda Gomes Pereira

Aprovada em ____/____/____.

Prof.^a. Dr.^a. Amanda Gomes Pereira (PPGS/UFMA)
(Orientadora)

Prof. Dr. Thiago Pereira Lima (UFMA)
(Examinador 1)

Prof. MSc. Edilson Vilção de Lima (UFMA)
(Examinador 2)

Aos companheiros e companheiras de luta.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que acreditou em mim, mesmo quando deixei de acreditar. Em segundo lugar, agradeço à minha mãe, Mairla, a quem devo minha vida. Sem ela, nenhum dos meus sonhos seriam possíveis. Agradeço aos meus irmãos, Ricardo, Régis, Renê e Jezrael, que direta e indiretamente participaram da concretização dos meus sonhos e objetivos. Assim como ao meu pequeno e grande amor, Plínio, a quem dedico minha vida, assim como essa monografia.

Não poderia deixar de agradecer aos meus amigos, que sempre estiveram ao meu lado e me prestaram, além da amizade, a força, a paciência e perseverança necessárias para nunca desistir, mesmo nos momentos mais difíceis.

Agradeço profundamente à professora Dra. Amanda Gomes Pereira, por confiar em mim, no meu projeto e nos meus sonhos. Por me reerguer e me fazer acreditar que a defesa deste trabalho fosse possível. Nenhuma palavra será capaz de expressar meu imenso e eterno sentimento de gratidão. Nenhuma linha que mencione seu nome tem o poder de fazer transbordar o carinho e respeito que carrego em mim, por você.

Eu também dedico essa monografia a professora Keliane Viana, que me acompanhou na disciplina de TCC I e me viu dar os primeiros passos na construção do meu projeto. Ela faleceu aos 30 anos, em 16/04/2021, mas permanecerá viva na minha memória e em cada linha deste trabalho. Este é um agradecimento póstumo e uma reverência saudosa.

Eu também dedico essa monografia ao companheiro Leandro Araújo, que faleceu em 25/09/22, levando consigo um pouco de nós e deixando um pouco de si, também. Leandro foi meu companheiro de turma, mas tornou-se um amigo. É com lágrimas nos olhos que escrevo em sua memória.

Acredito que toda monografia é escrita em letras de sangue e suor, batizada com lágrimas, adornada no cansaço, mas que repousa na confiança e amor dos que nos cercam. O que aqui está escrito e contido em cada linha, provém do meu coração. É metafórico, mas é o jeito mais sincero entre os não poetas de expressarem o que sentem em palavras.

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo uma reflexão em torno da relação entre escrita poética e historiográfica, a partir de uma análise em torno de um dos maiores representantes da oratória, o pensador Marco Túlio Cícero. Compreendemos que em suas obras, para além de uma escrita poética, se encontra uma escrita historiográfica que se utiliza da oratória para aprofundar e difundir os acontecimentos históricos aos quais contribuem para nossa compreensão em torno da própria história da história. Ora, Cícero nos guiará em direção à compreensão da qual muitos ainda não se encontram preparados ou instigados a admitir, que em grande medida, a história entrelaçada a oratória não restringe a historiografia de Cícero a uma narrativa poética. Mas, ao contrário, ambas entrelaçadas entre si, contribuem profundamente para a exposição sofisticada de uma historiografia que ainda em nossos dias pode nos auxiliar em torno de um saber e conhecer sobre a vida, e, para a vida através da história.

PALAVRAS- CHAVE: Cícero. Historiografia. Retórica.

ABSTRACT

This research aims to reflect on the relationship between poetic and historiographic writing, based on an analysis of one of the greatest representatives of oratory, the thinker Marco Túlio Cícero. We understand that in his works, in addition to poetic writing, there is a historiographical writing, which uses oratory to deepen and disseminate the historical events which contribute to our understanding around the history of history itself. Now, Cicero will guide us towards the understanding that many are not yet prepared or instigated to admit, that to a large extent, history intertwined with oratory does not restrict Cicero's historiography to a poetic narrative. But, on the contrary, both intertwined with each other, contribute profoundly to the sophisticated exposition of a historiography that still in our days can help us around a knowledge and knowledge about life, and, for life through history.

KEYWORDS: Cicero. Historiography. Rhetoric.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 O CÍCERO FILÓSOFO, POETA E RETÓRICO: E SUA HISTORIOGRAFIA CICERONIANA	10
2.1 O nascimento da retórica e sua influência sobre Cícero	13
3 AS VEROSSIMILHANÇAS ENTRE POESIA E HISTORIOGRAFIA	18
3.1 A importância dos Antigos para a historiografia e a Tópica <i>Historia Magistra Vitae</i>	23
3.2 A problemática em torno de uma “historia para a vida”	30
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	38

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho monográfico é abordar o conceito de História entrelaçada à retórica presente nas obras do pensador romano Marco Túlio Cícero, que muito contribuiu para a historiografia. Todos aqueles que já ouviram falar em Cícero, logo o denominam poeta e filósofo. Mas, se para além de sua filosofia e poesia fosse possível propor uma historiografia ciceroniana, como apresentar defesa a tal conceito? Como convencer a comunidade historiográfica que um poeta e filósofo, e não um historiador em si, conseguiu realizar tal feito? E de que maneira o pode realizar? Todas essas questões são suscitadas ao longo das leituras realizadas em torno de algumas de suas obras, dentre elas, em especial, ‘Da República’ e ‘De Oratore’.

Essas obras serão as bases primordiais de nossas observações, de sustentação e de fundamentação teórica do tema em questão. Assim, nos deparamos com a seguinte questão: será mesmo possível propor observações em torno da relação entre história e oratória? Esta é em si a problemática fundante das questões que iremos desenvolver ao longo das páginas seguintes com a nossa escrita sobre Cícero, seus trabalhos e tratados filosóficos e retóricos, e a propensa historiografia presente em cada um deles.

Ao mergulharmos no mar de seus escritos, estaremos diante de um Cícero poeta, filósofo e retórico. Tentaremos com isto unificar todos estes elementos em prol da construção da historiografia ciceroniana ao qual nos fazemos crer, pois, são as muitas faces de Cícero que compõem a singularidade da escrita histórica encontrada em seus trabalhos. Embora comum a muitas outras, nenhuma se faz semelhante a elas. É necessário pontuarmos que, ao fazermos menção a Cícero e à enorme contribuição de suas obras, o período histórico ao qual viveu fora, em grande medida, um fator influenciador em sua escrita. E, por conseguinte, é indispensável fazermos menção reverenciosa aos antigos, à importância destes, como assim foi a de Cícero para a escrita da história.

Ao analisarmos os escritos de Cícero em busca de sua contribuição para a historiografia, nos deparamos constantemente com a influência dos antigos em suas obras. Cícero ao buscar resgatar a memória do passado, remonta para seus leitores eventos e momentos históricos dignos de memória, assim como eterniza nas linhas da história a memória de seus “heróis”. Aqueles aos quais Cícero compreendia como modelos de virtude que cobertos pela glória serviriam como exemplos a serem seguidos pelas futuras gerações, e que sob a influência de seus escritos teriam, portanto, a chance de integrar-se à história viva de um passado póstumo.

Ao dedicar-se à escrita do passado, Cícero teria contribuído, portanto, para a historiografia assim como para a escrita historiográfica.

Mas para além da história da história, o que teria as obras de Cícero a contribuir? Seria sobre a influência dos antigos, a história, uma mestra da vida? Ou seja, para além de uma área de saber científico, um saber para a vida? Estas são questões que surgem a partir da análise das obras de Marco Túlio, com base na própria proposta historiográfica realizada pelo poeta e escritor que fazendo uso de seu saber filosófico, contribuiu, como acredita muitos de seus estudiosos, para o aprofundamento dos estudos historiográficos.

Ao fazer uso da mais sofisticada linguagem literária, composta por poesia e prosa, Cícero deu vida a personagens reais, cujo cenário tiveram como palco a Roma de César e muitos outros, que sob os olhares atentos de Cícero tiveram, por sua vez, suas relações públicas e privadas expostas, com fins de instruir para além de contribuir acerca dos saberes históricos.

A obra de Cícero destaca-se para além de sua escrita, por evocar, por assim dizer, a memória de figuras importantes da República de seu tempo, construindo, através do discurso, a partir de seus escritos narrativos, os grandes feitos de homens aos quais Cícero acreditava que deviam, por sua vez, ser eternizados nas linhas do tempo como se o papel da história, em algum sentido, não fosse somente o de propor e garantir a veracidade dos fatos descritos, mas o de tornar imortais os mortais. A história teria, portanto, o poder de fazê-los sempre presentes, conservando na memória das gerações futuras, os grandes feitos de homens do passado.

A grande encruzilhada para aqueles que defendem uma historiografia ciceroniana da história, seria, portanto, tornar legítima, e até necessária, uma história que não limite-se a posição de informar sobre determinados temas, fatos e momentos da história, mas instruir, na medida do possível, homens e mulheres acerca da vida. Com isto, nos deparamos diante de um conceito importante, mas ainda pouco discutido, “*historia magistra vitae*” que em latim significa: história mestra da vida. Expressão forjada por Cícero para caracterizar seu conceito cujo objetivo é elevar a história para além de ciência, em um saber e conhecer sobre a vida e para a vida.

Com isto, nos deparamos diante do seguinte questionamento: Por que a historiografia antiga ainda seria, sim, relevante para a historiografia contemporânea? Ou, para os não simpatizantes ao conceito de *historia magistra vitae*, se impõe a seguinte reflexão: por que a historiografia antiga seria “inútil” em nossos dias atuais? Eis aqui um importante impasse, que precisa ser refletido. Esta monografia, cuja abordagem trabalha o conceito de uma história para a vida, tem como um de seus objetivos o aprofundamento do tema em questão.

Cícero ocupa uma posição de prestígio no panteão dos grandes pensadores quando o tema é a retórica, mas para além de sua poesia que o faz um poeta e de seu pensamento que o faz um grande filósofo, por que não pensar em Cícero como historiador? No sentido de que suas obras contribuíram para a escrita e o pensamento da história. Para isso, nos debruçaremos sobre algumas de suas obras em específico, como anteriormente mencionado que podem por sua vez, contribuir para a defesa do conceito em questão. Nosso objetivo, portanto, é apresentar, a partir da análise de alguns de seus trabalhos, uma escrita historiográfica – pois, muito se fala na narrativa retórica de seus escritos, mas raros são aqueles que se dedicam a refletir em torno da historiografia ciceroniana e sua herança para a escrita da História.

Cícero escrevia história, ornada de poesia, versus e prosa, mas ainda assim, história! Deve sempre ser lembrado e louvado por sua maestria com as palavras, essa monografia em parte, é um tributo aos seus escritos e tratados. E nos utilizamos em torno da comunhão do pensamento de importantes pensadores em torno da mesma ideia. Acredita-se que depois de Cícero, a história subsequente da prosa, da poesia, da retórica, da língua latina, inglesa, entre outras questões, foram influenciados por este exímio pensador.

Nossa defesa a historiografia presente nas obras de Cícero, é que esta influenciou a historiografia atual, e porquê não influenciar a historiografia do amanhã? Por acaso a história da humanidade deve ser sempre narrada em versos pobres? O que a história tem a nos ensinar? Não só em termos de conhecimento histórico sobre fatores políticos, sociais, culturais e econômicos de determinado período ou acontecimento histórico, mas o que ela tem a nos oferecer também, em termos de conhecimento para vida? E como a história, dentre aquela que fora escrita por Cícero e narrada em suas obras, ornada de toda retórica, pode contribuir para nossa sociedade atual? De que maneira, a história narrada por Cícero sobre a República de seu tempo, as decisões, os reveses políticos, entre inúmeras questões, podem contribuir para nossa compreensão acerca das decisões e reveses políticos atuais? Poderia a ciência histórica reproduzir o passado tal qual este foi? Seria possível essa ciência do espelho, que refletiria os dias tais quais se seguiram no passado?

Ao nos dedicarmos a analisar o conceito de história na concepção de Cícero, nos lançamos sobre uma rede de significados que permeiam muitas outras concepções e teorias sobre a historiografia, muito embora seja a concepção de Cícero nosso ponto de partida e pretensão de chegada.

2 O CÍCERO FILÓSOFO, POETA E RETÓRICO: E SUA HISTORIOGRAFIA CICERONIANA

Na escrita historiográfica de Marco Túlio Cícero presente em suas obras poéticas e filosóficas, encontramos traços inegáveis de sua historiografia, que muito contribuiu sobre os relatos históricos de seu tempo. Pois, quem dirá que na escrita de Cícero há apenas o compromisso com a beleza dos versos e não com a verdade?

Nascido no ano de 106 a.C., segundo (Plutarco, (2001), V, 1, I- II apud Garibaldi (1956), p. 163, Cícero teria pertencido a uma família distinta, mostrando possuir sempre uma conduta digna. Paira sobre seu nascimento o rumor de que após uma aparição, sua mãe foi informada de que a criança que trazia em seus braços e amamentava seria o ‘firme sustentáculo de Roma’. Plutarco¹ descreve que o mesmo nasceu com aptidão literária e filosófica, que o fazia capaz de abarcar, segundo ele, todas as ciências, sem desdenhar de nenhuma espécie de saber e estudo. E prossegue em outra de suas passagens, afirmando que Cícero foi,

[...] de todos os oradores, o que soube fazer sentir melhor aos romanos como o encanto da eloquência amplifica o bem e como o direito é invencível, quando sustentado pelo talento e pela palavra! Mostrou-lhes como o homem de Estado que quer governar bem deve, na sua conduta pública, preferir sempre o que é honesto ao que engana; mas que deve também, nos seus discursos, temperar a doçura da linguagem com o rigor dos atos que propõe (Plutarco, 2001, p. XIII, 8 apud Garibaldi, 1956, p. 163).

A educação recebida por Cícero não teria sido diferente da educação que recebiam os filhos das famílias aristocráticas ou abastadas, caracterizada pela influência grega e romana, conforme (Gonçalves, 2017, p. 6-8). Assim como Cícero teria sido beneficiado não só pela culta educação que recebeu, mas também pela influência e ensinamentos de figuras importantes de seu tempo, dentre elas, Mólón de Rodes².

Assim, segundo (Gonçalves, 2017, p. 5), Cícero “irá tornar naquele que com os seus discursos conquistou mais fama para Roma do que todos os triunfadores”. Entretanto, ao analisarmos algumas das obras de Cícero, é preciso, assim como Ambrósil (2002) compreendermos que:

¹ Plutarco de Queroneia (46-120) viveu em um período do Império em que Roma já era considerada a civitas aeterna, ou seja, a cidade eterna e também eterno era considerado o seu domínio imperial sobre a maior parte do mundo conhecido até então, além de controlar todas as terras que margeavam o mar Mediterrâneo. (Plutarco, ano, p. apud Dygas, 2014, p. 12)

² Retor grego, cuja atividade se centrou na década de 70 a.c., ara natural de Alabanda, na Cária. Foi discípulo de Ménecles de Alabanda (séc. I a.c.) até se estabelecer em Rodes. Visitou duas vezes Roma, na qualidade de embaixador de Rodes e aí contou Cícero e Júlio César (100-44 a.c.) entre seus alunos. (Gonçalves, 2017, p. 8)

Nenhuma dessas obras tinham como tema principal a história, muito menos a ciência da história como a entendemos hoje. Nenhuma delas foi escrita especialmente para os *scriptores rerum* (historiadores) contemporâneos seus, muito menos para os historiadores que hoje elaboram e ratificam a ciência da história. Mesmo assim, as reflexões de Cícero em seus tratados de retórica, em suas cartas aos amigos, influenciaram, a partir de então, os historiadores romanos (Ambrósil, 2002, p. 10).

Para abordar a temática em torno da escrita ciceroniana da história, faremos uso da carta escrita por Cícero e endereçada a Luceio, ao qual o filósofo e poeta teria, por sua vez, pedido ao amigo que escrevesse sobre os anos de seu consulado, quando fora cônsul em Roma. Na tradução de Scatolin (2001), Cícero infere que “ardo de um desejo incrível e, na minha opinião, nada censurável, de que meu nome ganhe brilho e celebridade por meio de teus escritos” (p. 404). Para Hernández (1997, p. 18) “En esta larga carta Cicerón se muestra sumamente cuidadoso, en varios sentidos, en la exposición de su petición”, pela qual justifica ao amigo os motivos de sua escolha “natureza de teus escritos, ela superou minha expectativa, me tomou e incendiou de tal forma, que desejei que os meus feitos fossem o mais rapidamente possível confiados a teus relatos históricos” (Scatolin, 2001, p. 404). De fato, não me arrebatava apenas a ideia da recordação por parte da posterioridade e certa esperança de imortalidade, mas também o desejo de desfrutar, ainda vivo, seja da autoridade de teu testemunho, seja da marca de tua benevolência, seja do encanto de teu engenho.

Segundo Sebastiani (2006, p. 96), Luceio seria o homem ideal para escrever sobre Cícero, pois possui experiência política e talento literário suficiente para apresentar as ações do amigo sob o prisma conveniente. Isto seria um dos pontos pela predileção de Cícero por Luceio. Isso porque, Cícero via esse talento de Luceio como fundamental para se escrever história. Com mais fatores inclusos, como a experiência prática no campo político para além do conhecimento literário. O que Cícero deseja realizar, a partir da escrita do amigo, seria memorar os anos de seu consulado à frente da República Romana, assim como seu retorno do exílio, numa retrospectiva de parte da sua vida que se deu no intervalo de 6 (seis) anos.

Em sua carta a Luceio, Cícero não esconde a importância para ele de ser lembrado por seus feitos políticos, na esperança de romper as barreiras do tempo ao ser memorado e celebrado, como um dos heróis de seu tempo. Ao realizar o pedido para que Luceio escreva sobre tais fatos, não se restringe em caracterizar o que seria, para ele, o perfil do historiador ideal. E quem seria o historiador ideal, se não Luceio? (Sebastiani, 2006, p. 299). Aquele que “acusara Catilina ao fim de 64 a.C. e, depois de tentar ocupar o consulado em 60 a.C., abandonou a política para dedicar-se a história”.

Entretanto, Cícero poderia por si só escrever sobre seu consulado em Roma, sobre seu retorno do exílio, assim como escreveu por volta de 60 a.C., *De consulatu suo*, um poema composto por três livros que louvava sua luta contra Catilina³, e com isto, suscita-se uma importante questão, por que Luceio deveria, a partir de seu pedido, escrever exatamente sobre o mesmo tema?

Por que Cícero não realiza, ele mesmo, a história sobre seus anos de consulado assim como seu retorno do exílio? Das perseguições que sofreu, das perfídias e inimizades que se levantaram contra ele nos anos em que esteve à frente da República Romana? Cícero poderia facilmente ser seu próprio modelo de historiador ideal, pelo seu notável conhecimento nas artes literárias, assim como pela sua experiência empírica na vida política. Então por que recorrer ao amigo quando ele mesmo dispunha dos meios necessários de realizar a escrita da própria história? Este se justifica ao dizer por sua vez ao amigo (Scatolin, 2001),

Serei talvez obrigado a fazer o que não raro alguns criticam: escreverei eu mesmo a meu respeito, seguindo, contudo, o exemplo de homens numerosos e ilustres. Porém, como não te escapa, há os seguintes defeitos nesse gênero: e forçoso que escrevam a respeito de si mesmos com pudor, se houver algum motivo de elogio, e que omitam, se houver algo censurável (Scatolin, 2001, p. 407).

O receio de Cícero em escrever sua própria autobiografia consiste no *decorum*, pois não seria aconselhável, segundo Ambrósil (2002, p. 23), escrever sobre si mesmo. Isto é posto a partir da perspectiva do receptor, daquele que lê, ou seja, o leitor. Com fins de não vir a comprometer a autoridade do autor. Assim recai sobre Luceio o dever de honrar ao amigo a partir de sua escrita, alcançando por meio de seu relato, também, a glória de ser lembrado. Entretanto, vale salientar que, Cícero também compreende ser necessário escolher um homem honrado, respeitado, para evitar que uma possível descredibilidade daquele que narra os fatos não recaia sobre os eventos narrados.

Vejamos o que diz Cícero em relação a isso (Scatolin, 2001),

E para mim – quer para minha alegria, quer para a dignidade de minha memória – será mais vantajoso comparecer nos teus escritos que nos dos outros, porque não se me fornecera apenas teu engenho, como ocorreu a Timoleonte no caso de Timeu e, no de Herodot, a Temistocles, senão também a autoridade de um homem muitíssimo ilustre e distinto, reconhecido e mais que todos aprovado nas causas mais importantes e sérias da República, de modo que parecerá ter-me sido conferido não o panegirico que, ao chegar ao Sigeu, Alexandre disse ter Homero atribuído a Aquiles, mas também o testemunho grave de um ilustre e grande homem. De fato, agrada-me o celebre Heitor de Névio, que não se alegra apenas por “ser louvado”, mas também, acrescenta, “por um homem louvado” (Scatolin, 2001. p. 406-407).

³ A conjuração de Catilina relata o conjunto de eventos que constituíram o malogrado plano de Lúcio Sérgio Catilina (108-62) para se assenhorar do poder em Roma, no ano do consulado de Cícero, 63. Catilina, de família patriciana romana, provavelmente pretor em 68, governador da província da África no intervalo de 67 a 66, tentara por duas vezes eleger-se cônsul, sem sucesso (Scatolin, 2016, p. 64-63).

É importante observar que Cícero não somente pede a Luceio que escreva sobre seu consulado, como o admoesta sob como empreender tal feito (Scatolin, 2001) ao dizer,

Se te persuadir a tal empresa, a matéria será, em meu entender, digna de tua capacidade e de teus recursos. De fato, parece-me que é possível estabelecer um corpus modico a partir do princípio da conjuração até o meu retorno, no qual poderás também fazer uso de teu conhecimento das mudanças civis, quer mostrando as causas das revoluções, quer mostrando os remédios para os reveses, quando não apenas repreenderás o que consideres digno de vitupério, mas também provarás, expondo argumentos, o que te aprouver, e, se julgares que deves tratar a matéria com mais franqueza, como o teu costume, apontarás a perfídia, as ciladas, a traição de muitos contra mim (Scatolin, 2001. p. 406-407).

Para Hernández (1997, p. 18-19), a leitura em torno da carta endereçada a Luceio resulta na obviedade da tentativa por conta de Cícero, em interferir nos rumos da história ao não se contentar, segundo ele, com a narração de sua carreira política, desejoso por sua vez de guiar os rumos da narrativa, ao dizer como ela deveria ser realizada em termos de escrita.⁴

2.1 O nascimento da retórica e sua influência sobre Cícero

A retórica nasceu na Magna Grécia, entre o século V, a.C., logo após a conquista da cidade, que havia se estabelecido como uma colônia de Corinto. Nesse período predominava na colônia a política de destituição de terras, baseada também em uma política de transferências de populações, assim como deportações e expropriações, estabelecida pelos irmãos Gélon e Hierão com mercenários que os acompanhavam. Logo após a sucessão do comando na colônia, ao qual Trasíbulo como sucessor passa a governar, se estabelece princípios que visavam o fim da tirania até então vigente, em substituição por uma forma de governo baseada na democracia. Se instalando assim, tribunais, que visavam a redistribuição das terras aos seus legítimos proprietários. Nasce aqui, ‘a necessidade do bem falar’.⁵

Mas, não será na Magna Grécia que a retórica irá florescer. É em Atenas que irá se estabelecer firmemente como uma forma de ensino. Pois, ao obter espaço e força dentro das

⁴ La última pretensión es obtener unos resultados inmediatos y prácticos: su identificación como princeps salvador de la res publica. En definitiva, está siguiendo su propio consejo: la general satisfacción, habilidad y diligencia lo que puedes conseguir: que tu fama no ilegue desde tu gente al pueblo, sino que el pueblo mismo adopte esos sentimientos hacia ti. Sólo que evidentemente al pueblo, a la opinión común, hay que dirigirlas y manipularlos con el instrumento poderoso de la palabra, ya sea oral o escrita. (Hernández, 1997, p. 20)

⁵ A necessidade de bem falar que daí adveio inspirou a criação de uma arte que pudesse ser ensinada aos cidadãos. Terá sido, neste contexto, que, cerca de 465 a.C., foi escrito o primeiro tratado de Retórica, por Corax, que juntamente com o seu aluno, Tísias, se celebrizou na defesa das vítimas daqueles tiranos. A Tísias caberá a honra de ter levado esses ensinamentos para a Grécia continental. (Gonçalves, 2017, p. 3)

instituições atenienses, os cidadãos da cidade se viam cada vez mais impelidos ao exercício da retórica como forma de participação nessas mesmas instituições (Gonçalves, 2017, p. 08)

Com isto, tendo alcançado um lugar central na vida da cidade, Gonçalves (2017) afirma que “necessidades semelhantes estão na origem da importância que a Retórica foi concedida pelos Romanos”. (p. 08). E com os portões de Roma abertos para a arte da retórica, tornou-se comum a educação dos filhos de famílias aristocratas da época. Cícero, por sua vez, teve sua educação pautada até mesmo na teoria grega da Retórica.

A influência da retórica na cultura grega consistia na importância que se aplicava ao discurso. A vida pública para os gregos era exercida por vida de fala. Segundo Santos (2016), para entendermos a importância em que consistia o papel da retórica na Grécia é preciso analisarmos elementos comuns à sua organização. Dessa forma,

Estudamos o que é e qual o papel da Retórica, nos séculos V e IV a.C., na cultura típica das cidades (pólis) gregas, e nosso ponto de partida é a cidade (pólis) ateniense, que detém a hegemonia nessa época, e cuja organização política funda-se na isonomia, segundo ao qual a cidadania é exercida por meio do direito e do dever de todos a palavra pública, e da votação das ações e leis; ou seja, por meio do discurso (logos) que persuade. A cultura grega é, ainda então, uma cultura fortemente oral. Esclarecemos assim a importância do expressar-se bem, o que a técnica oratória em desenvolvimento cuidava de ensinar (Santos, 2016, p. 103).

Assim, como Fidalgo (2008), é possível afirmar que,

[...] da faculdade específica do homem de falar e de, desse modo, tratar dos assuntos da cidade e dirimir os conflitos, extraíram os gregos a democracia, o regime político da maioria. O tirano ou os oligarcas mandavam pela força, na democracia o poder obtinha-se pela palavra convincente nas assembleias. (Fidalgo, 2008, p. 02)

É forçoso observar que a retórica está fortemente atrelada à ideia de democracia, na disposição dos indivíduos a partir do discurso em impelir por meio da fala, sua ação na vida pública. Não obstante, Cícero via na vida política de um homem a capacidade necessária para exercer a função da escrita, mas também por meio da escrita, preparar os jovens para melhor governar a República, por via de exemplos.

Cícero foi fortemente influenciado por importantes pensadores da Grécia Antiga, que trataram do tema da retórica em alguma medida, a exemplo de Aristóteles e Platão, ou aqueles que por sua vez produziram trabalhos historiográficos, cuja proposta se assemelha ao intento de Cícero em realizar uma escrita a partir da experiência empírica, como Heródoto e Tucídides. Quatro importantes pensadores gregos, que seja na matéria de história, seja na matéria da retórica, estão presentes em alguma medida no conceito de Túlio Cícero quanto ao exercício da escrita. (Bernardo, 2018, p. 18)

Para Bernardo (2018), Cícero seria herdeiro da historiografia de Políbio⁶, assim como de Heródoto⁷ e Tucídides⁸, bem como Aristóteles e Platão⁹. Isto porque não seria dissociável o viés filosófico, político assim como historiográfico presente na elaboração de suas obras. O conhecimento em filosofia, política e história, formariam uma espécie de tríplice do saber. E afirma que seria justamente esta junção que garantiria, segundo ele, a coesão aos textos de Cícero, pela qual os homens seriam, assim, em ambas possibilidades, refletidos pela ótica republicana, histórica, política e ética. E afirma que “a relação entre política e história é estabelecida na obra ciceroniana, pois a política é a matéria da história, ou seja, a história narra feitos políticos. Com isso, podemos observar uma anterioridade de uma em relação a outra”. (Bernardo, 2018, p. 18)

O conteúdo referente às obras de Heródoto está entrelaçado à sua experiência pessoal, no que concerne dizer que o autor só escreve a partir de relatos empíricos. Tucídides, não diferentemente, estaria integralmente presente em sua narrativa – o que pode ser definido para ambos como uma escrita que nasce a partir de suas experiências pessoais. Não obstante, Cícero também exerce em seus escritos, a narrativa de acontecimentos aos quais não somente foi narrador, mas também participante. (Gastaud, 2001, p. 3)

Tucídides escreveu sobre a Guerra do Peloponeso, ao qual se fez participante em alguma medida. Retrato em sua obra, na matéria da escrita, sua experiência empírica, ou seja, narrou a guerra a partir do que presenciou, a partir do que vivenciou. Cícero, por sua vez, desejou realizar, a partir de Luceio, o relato dos conflitos que não somente ele, mas que também seus contemporâneos em Roma vivenciaram durante a Conjuração de Catilina.

⁶ Políbio era um aristocrata, dedicado as letras e a história desde cedo, mas, ao mesmo tempo, preparando-se para uma atividade política, não apenas em Megalópoles, mas na Liga. (Rego, 1981, p. 100)

⁷ Por outras palavras, Heródoto não é mitógrafo, mas “logógrafo”, sendo o que nos comunica uma coleção de “lógoi”, isto é, de “histórias” baseadas em documentos (experiências adquiridas por ele próprio durante suas viagens; contatos pessoais com várias pessoas na Grécia e no estrangeiro; o confronto de diversas testemunhas; o exame de monumentos literários e arqueológicos) (Besselaar, 1962, V, XXIV, p. 7)

⁸ No que se refere a história sua contemporânea, Tucídides a investiga e é através de indícios que ele escreve a “Guerra do Peloponeso e não a História da Guerra do Peloponeso: note-se que no enunciado tucidideano há a intenção de escrever a verdade dos eventos da guerra que se desenrola diante de seus olhos e da qual ele participa, existindo uma analogia entre a palavra e o fato, o que nos permite perceber que a objetividade aqui não é um problema, mas é antes um suposto absoluto. (Gastaud, 2001, p. 3)

⁹ Dentre os diálogos de Platão, um deles leva o nome de Górgias, um sophós que ensinou Retórica em Atenas, no século V a.C. Nesse diálogo, Sócrates reflete a partir do personagem Górgias, a respeito da atividade praticada e ensinada por este. Não obstante esse diálogo, o Fedro ocupa-se, em grande parte, do discurso a respeito da Retórica. Mais tarde, Aristóteles elaborou uma obra na qual procurou sistematizar o estudo desse tema (Santos, 2016, p. 102).

Com isso, é possível observar que Cícero buscou tratar de questões e conflitos de seu tempo, assim como Tucídides e Heródoto não se abstiveram em realizar o mesmo. Em Scatolin (2001), subtraímos na matéria da história, importes elementos quanto a Conjuração, assim como Cícero fornece para além de seus leitores, aos pesquisadores, elementos que vão além dos anos de seu consulado. Ou seja, elementos que admoestam quanto uma propensa historiografia em sua escrita, ainda que não intencionalmente consciente, quando ele, por sua vez, diz ao amigo sobre o que escrever e como escrever.

Em outra importante obra, dividida em três sessões, ao qual Cícero estabelece a Quinto como destinatário, apresenta por sua vez as circunstâncias pelas quais teria sido movido a escrever a obra em questão, assim como menciona em seus escritos sobre a escassez, segundo ele, de grandes oradores ao longo da história. Em ‘Do Orador’, Cícero fornece em matéria de oratória e escrita, a partir da ponte por ele estabelecida, o que compreendia como aspetos indispensáveis ao orador,

É necessário que se somem a isso certo encanto, alguns gracejos e uma cultura digna de um homem livre, bem como rapidez e concisão tanto ao recrutar como ao atacar, acrescida de refinada graça e de um bom número de precedentes, e não deve negligenciar o conhecimento das leis e do direito civil (Scatolin, 2016, p. 179).

O aspecto cívico sempre se faz presente nas descrições de Cícero, que via no homem de forte saber e cultura, conhecedor das leis, uma espécie de pupilo ideal para orador. Em outra de suas passagens, Cícero relega ao orador a missão de eternizar através do discurso, da palavra, os acontecimentos do presente.

Em ‘Do Orador’, Cícero menciona a discussão em torno da composição harmônica dos discursos, comum aos oradores, que buscam dominar todos os elementos que compõem a arte da retórica e promovem com base nessa busca, conversações acaloradas sobre a matéria do discurso (Scatolin, 2016, p. 179). Quanto a isso, Cícero não se furta em expressar algumas de suas opiniões sobre o tema, ao qual menciona Heródoto e Tucídides como vias de exemplo:

haec tractasse Thrasymachum Calchedonium primum et Leontinum ferunt Gorgiam, Theodorum inde Byzantium multosque alios quos λογοδαιδάλους, appellat in Phaedro Socrates, quorum satis arguta multa, sed ut modo primumque nascentia minuta et versicolorum similia quaedam nimiumque depicta. Quo magis sunt Herodotus, Thucydidesque mirabiles: quorum aetas cum in eorum tempora quos nominavi incidisset, longissime tamen ipsi a talibus deliciis vel potius ineptiis afuerunt. Alter enim sine ullis salebris quasi sedatus amnis fluit, alter incitador fertur et de bellicis rebus canit etiam quodam modo bellicum. Primisque ab hist., ut ait Theophrastus, historia commota est ut auferret uberius quam superiores et ornatus dicere. (Gonçalves, 2017, p. 104)

Dizem que estes assuntos são discutidos, em primeiro lugar, por Trasímaco Calcedônio e Górgias Leontino e, depois, por Teodoro de Bizâncio e muitos outros que, Sócrates, no Fedro, apelida λογοδαιδάλους, dos quais temos muitas coisas

engenhosas, mas que, logo ao nascerem, são fragmentárias, semelhantes a versos e excessivamente ornamentadas. Assim, Heródoto e Tucídides são mais admiráveis porque contemporâneos daqueles que mencionámos, contudo, se afastaram muito de tais truques ou antes de tais tolices. Um, na verdade, sem quaisquer ornamentos complicados, flui como um rio tranquilo, o outro, mais agitado, não só descreveu os assuntos militares como cantou de maneira quase bélica a arte da guerra. A partir destes fundadores, como disse Teofrasto, a História alterou-se a ponto de se exprimir num estilo mais copioso e ornamentado do que o dos seus predecessores. (Gonçalves, 2017, p.104)

Dizem que estes assuntos são discutidos, em primeiro lugar, por Trasímaco Calcedónio e Górgias Leontino e, depois, por Teodoro de Bizâncio e muitos outros que Sócrates, no Fedro, apelida λογοδιδάλους, dos quais temos muitas coisas engenhosas, mas que, logo ao nascerem, são fragmentárias, semelhantes a versos e excessivamente ornamentadas. Assim, Heródoto e Tucídides são mais admiráveis porque contemporâneos daqueles que mencionamos, contudo, se afastaram muito de tais truques ou antes de tais tolices. Um, na verdade, sem quaisquer ornamentos complicados, flui como um rio tranquilo, o outro, mais agitado, não só descreveu os assuntos militares como cantou de maneira quase bélica a arte da guerra. A partir destes fundadores, como disse Teofrasto, a História alterou-se a ponto de se exprimir num estilo mais copioso e ornamentado do que o dos seus predecessores. (Gonçalves, 2017)

3 AS VEROSSIMILHANÇAS ENTRE POESIA E HISTORIOGRAFIA

Ao trabalharmos o conceito de verossimilhança entre poesia e história adentramos em um campo de infinita complexidade. Para Aristóteles: “[...] a poesia é mais filosófica e de caráter mais elevado que a história, porque a poesia permanece no universal e a história estuda apenas o particular” (Aristóteles, 2007, p. 43 apud Alessio, 2013). Segundo Marcia Mansor D’ Alessio (2013), que produziu um artigo sobre Teoria e história, a afirmação de Aristóteles talvez tenha sido o primeiro indicador de uma tensão existente entre poesia e história. Consequentemente, entre as duas formas de conhecimento que envolvem: a histórica e a teórica.

Em a Arte Poética, Aristóteles faz a seguinte afirmação:

[...] é evidente que não compete ao poeta narrar exatamente o que aconteceu; mas sim o que poderia ter acontecido, o possível, segundo a verossimilhança ou a necessidade. O historiador e o poeta não se distinguem um do outro, pelo fato de o primeiro escrever em prosa e o segundo em verso [...] diferem entre si porque um escreveu o que aconteceu e o outro o que poderia ter acontecido. (Aristóteles, 2007, p. 43 apud Alessio, 2013)

Marcia Mansor (2016), afirma em suas especulações que ao se acreditar na hipótese de Aristóteles é inaugurado uma inquietação, segundo a pesquisadora, em torno do que ela denomina como sendo uma tríade entre arte-filosofia-história (Mansor, 2016, p. 160). Para Leopold Ranke, o estudo da história é uma ciência próxima das artes, da poesia, assim como da filosofia. E que somente diferem no aspecto da retratação e projeção do real, em termos de abordagem, pois:

A História se diferencia das demais ciências porque ela é, simultaneamente, uma arte. Ela é ciência na medida em que recolhe, descobre, analisa em profundidade, e arte na medida em que representa e torna a dar forma ao que é descoberto, ao que é apreendido [...] enquanto ciência, ela se aproxima da Filosofia; enquanto arte, da poesia. A diferença está no fato de que Filosofia e poesia, de maneira análoga, se movimentam no plano das ideias, enquanto a História não tem como prescindir do plano do real. (Ranke, 2010, p. 202)

O que Cícero empreendeu em seus escritos fora uma aproximação entre estas três formas de conhecimento: arte, filosofia e história – relacionando cada uma entre si através de seus relatos tanto poéticos e filosóficos, quanto históricos. Cícero acreditava no poder transformador da história, que emergia para ele como uma fonte de conhecimento cujo propósito não deveria limitar-se a mera função de redarguir sobre fatos e acontecimentos históricos do presente quanto do passado, mas também cuja função deveria se estender à admoestação de como agir no presente sob o prisma do passado. O próprio Rank não parece pensar diferente de Cícero, quando afirma que:

[...] aquela [filosofia] coloca mais peso no interesse pelo universal, esta [história] no interesse pelo particular [...] por sua própria natureza, ela [filosofia] é profética, orientada para a frente; a História vê o que é bom e benéfico no existente, o qual tenta captar, e direciona seu olhar para trás (Ranke, 2010, p. 206).

Embora não haja consenso absoluto entre tais ciências nas formas de verificação e compreensão do passado e nas formas de se produzir conhecimento sobre o passado, não parece, ao que indica os autores, que haja tamanha discrepância ao ponto de não haverem analogias entre si, nas formas de se produzir conhecimento histórico. Portanto, ao que tudo indica, embora complexo, parece haver pontes de comunicação entre a poesia e a história, indicando verossimilhança entre ambas, o que tornaria possível e plausível uma historiografia ciceroniana da história, que se utiliza de ambos elementos, tanto da poesia, prosa e filosofia, quanto da história para se produzir conhecimento histórico.

Para Leonardo Pavez (2011), a compreensão da oratória em Cícero em comunhão aos estudos históricos, bem como em relação a arte poética, partia da seguinte relação de exigências, [...] o estudo de toda antiguidade, dos exemplos, das leis e do direito civil: toda essa plenitude de saberes formará o orador capaz de formular um discurso forte, viril e, ainda assim, com a sutileza do passado e com urbanidade (Pavez, 2011, p. 98).

E conclui com a seguinte afirmação:

[...] Será Crasso, porém, a via pela qual Cícero formulará a exposição deste conceito de eloquência que conjuga todos os conhecimentos humanos que perfazem o tutor e reitor da república. Este conceito não exclui o saber histórico: como visto mais acima, Cícero trama todos os conhecimentos atinentes a cidade em um único feixe, em um único logos de mente isocrática, pois se é o prudente o modelo formador, então a prudência romana, ao lado da doutrina grega, deve participar desse perfazer do orador (Pavez, 2011, p. 99).

Em A Inspiração Poética No Ion de Platão, artigo produzido por Krishnamurti Jareski (2010), o pesquisador faz a seguinte análise sobre a personalidade que rege o poeta na concepção de Sócrates:

[...] Sócrates arremata a sua caracterização do poeta (534b37): o poeta, como as abelhas, é alado (ptenón) e sagrado (hierón), um ser leve (kouphon). [...] destaca a possível ironia do elogio socrático, pois a palavra grega kouphos pode indicar tanto a leveza dos cantos do vate, capaz de formular “palavras aladas”, quanto a vacuidade de sua condição de ekphron, carente de seu próprio nous e, portanto, privado de qualquer possibilidade de uma contribuição epistêmica. [...] ao nomear o poeta como alado, Platão se reapropria de uma imagem assaz conhecida. É frequente, na Ilíada e na Odisseia, a referência ao poeta e às suas “palavras aladas”, que simbolizam o influxo de inspiração com o qual o poeta transforma as palavras, de propriedade comum a todos os homens, em depositárias de um valor superior de beleza e de verdade (Jareski, 2010, p. 294).

É possível com isto observar que a concepção de Sócrates em alguma medida se aproxima à concepção de Cícero, ao se acreditar que cabe ao poeta determinada personalidade, bem como caberia ao mesmo o repositório da verdade, através da beleza e leveza das palavras.

A referência de Sócrates às “palavras aladas” se dirige a Homero, que fazia parte da tradição de poetas que acreditavam serem inspirados pelas musas para narrar os grandes feitos da história. Embora Cícero se distinguisse neste aspecto, ambos, tanto Homero quanto Cícero, se assemelham por dedicarem seus escritos à representação do herói e suas virtudes – pois, Cícero acreditava que ao narrar os grandes feitos dos homens virtuosos de seu tempo, ele legava, através de seus escritos, a verdade e a virtude (Pavez, 2011, p. 11)

É possível notar-se o elemento do etos moral presente nas obras de Cícero através dos personagens de suas narrativas, quando por via deles, Cícero busca legar aos jovens de seu tempo, assim como as gerações futuras da sociedade romana, o exemplo ético e moral destes homens – que para o filósofo, a partir de suas condutas idôneas e inquestionáveis, seriam pelas linhas do tempo, memorizados, através de suas palavras, para sempre. O que se impõe é em que medida a narrativa dos fatos em torno dos indivíduos citados por Cícero filósofo não se encontra influenciada pelo afeto para com estes.

Para Renato Ambrósio (2020), Cícero ao realizar reflexões sobre a história em algumas de suas obras, fica evidente que:

Nenhuma dessas obras tinha como tema principal a história, muito menos a ciência da história como a entendemos hoje. Nenhuma delas foi escrita especialmente para os *scriptores rerum* (historiadores) contemporâneos seus, muito menos para os historiadores que hoje elaboram e ratificam a ciência da história. Mesmo assim, as reflexões de Cícero em seus tratados de retórica, em suas cartas aos amigos, influenciaram, a partir de então, os historiadores romanos. (Ambrósio, 2020, p. 10)

Marcos Antônio da Costa (2013), em sua dissertação intitulada *Cícero e a retórica do exílio: as figuras de repetição*, se aproxima do mesmo conceito e ideia abordada por Ambrósio, ao dizer que:

Em sua totalidade, as cartas de Cícero possuem uma incontestável importância histórica, linguística e literária. Em relação a história, elas revelam fatos dos bastidores da política romana que raramente figuram em outro documento da época. Lendo-as, aprendemos muito sobre costumes, ideias e valores adotados pelos romanos do século I a.C (Costa, 2013, p. 9).

Quantos aos relatos dos bastidores da política romana, que podem nos servir como dados históricos, assim como descrições de poder na época, são uma análise social e histórica, ainda que indireta, sobre aqueles que presenciaram e vivenciaram a conjuração de Catilina, ao qual o próprio Cícero, sobre a perspectiva do exílio, recorreu ao seu amigo Luceio – foi inquirida a complexa e difícil missão de através das palavras, revestidas da retórica, legar ao futuro aquilo que Cícero compreendia como necessário e verdadeiro (Scatolin, 2011, p. 407).

Memorar através do amigo, sua carreira política, exercida através da figura de cônsul romano, enquanto se fez participante da República, até a chegada do momento do seu exílio,

que embora o tenha afastado de suas funções, não o impediu de influenciar os rumos da história, o de exercer autoridade através das palavras, sejam elas suas, ou na de seus amigos. A carta a Luceio se enquadra em um dos recortes históricos que podemos, assim como Renato Ambrósio (2002) compreendia, são consideradas de incontestável relevância histórica devido ao teor daquilo que está escrito na carta a Luceio, os motivos que levaram a escrita da própria carta, que são uma demonstração da instabilidade política da época, assim como um retrato das disputas pelo poder (Scatolin, 2011, p. 405).

Teria sido as cartas de Cícero uma unidade histórica? Teria ele renovado as fontes historiográficas de sua época, e tal qual a compreendemos em nossos dias? É preciso ressaltar a prática comum dos relatos feitos por personagens históricos ao longo dos tempos por meio da escrita através de cartas. Mas o que estamos a analisar acerca das cartas de Cícero, seria o tom, ainda que desprezioso, de se fazer história através da retórica, por meio delas.

Um bom exemplo da descrição que podem trazer destemidas cartas são aquelas elencadas por Cardoso (2003),

Tal atitude faz com que a carta, em Roma, mesmo quando escrita com finalidade explícita de transmitir informações ou solicitar notícias, tenha, não raro, elementos literários, funcionando não apenas como objeto útil, mas também como texto escrito em cuja elaboração o material estético foi utilizado. São numerosos os escritores romanos que, ao lado de obras especificamente literárias, escreveram cartas. Algumas se perderam, como o caso das de Júlio César, que, segundo Suêtonio e Plutarco, teria instituído em Roma o costume da troca de correspondência entre amigos. Outras se preservaram pela publicação e chegaram até nossos dias. Entre estas estão as de Cícero, Sêneca, Plínio, o jovem, Símaco e Frontão. (Cardoso, 2003, p. 200)

É evidente que as cartas de Cícero podem ser compreendidas de muitas formas, como simples cartas, remetidas a destinatários amigos ou aliados, com a finalidade de informar sobre eventos e acontecimentos da República, assim como podem ser compreendidas como cartas com intuito de informar sobre a posição e estado do próprio remetente, no caso, o próprio filósofo Marco Tulio Cícero. Mas, em ambas as situações, objetivos e fins aos quais moveram a escrita destas cartas não colocam em questão o conteúdo histórico ao qual seriam passíveis de análise, mas constroem o cenário de uma época, que pode ser compreendida como a possível contribuição de Cícero aos anais da história. E como descreve Martin e Gairlarde (1990), as cartas de Cícero:

É preciosa para historiadores da República romana, para os quais ela constitui uma extraordinária mina de informação de primeira mão. Graças a ela, o período da história romana que se estende de 68 a 44 antes de nossa era nos é melhor conhecido que qualquer outro, pois as cartas de Cícero representam o papel de um verdadeiro jornal. (Martin & Gairlarde, 1990, p. 457 apud Costa, 2013, p. 9)

Ainda sobre a perspectiva de Marcos Antônio da Costa (2010), o pesquisador faz a seguinte menção em relação à prática da escrita de cartas na época e seus fins:

Vê-se que Cícero aponta a existência do tipo de carta informativo, que objetiva colocar os ausentes a par de fatos e acontecimentos; o tipo familiar e jocoso, que expressava a alegria pessoal do remetente aos parentes e amigos nos momentos favoráveis; o tipo sério e melancólico, que visava a consolar os ausentes e prometer-lhes auxílio nas situações adversas. As cartas públicas, por sua vez, eram aquelas que, mesmo sendo dirigidas a um destinatário determinado, objetivavam alcançar um círculo consideravelmente amplo de pessoas. Elas podiam ter finalidade política, doutrinária ou poética. Entre as cartas de cunho político, incluem-se nove cartas de Isócrates, duas de Platão, duas de Salústio e quatro de Cícero. Estas últimas foram enviadas, respectivamente, a Pompeu (63 a.C.), na qual o autor se vangloria das realizações do próprio consulado; ao irmão Quinto (60 a.C.), objetivando mover os senadores no sentido de prorrogarem o mandato deste como propretor da província da Ásia; ao amigo Luceio, solicitando-lhe a escrita de uma monografia sobre a conspiração de Catilina com um destaque especial para o (***) Cícero, desempenhara na desarticulação da mesma; a Júlio César (49 a. C.), na qual, percebendo a iminência de uma guerra civil, o orador se prontifica a agir em prol de uma reconciliação com Pompeu (Costa, 2013, p. 32).

Segundo a análise de Silva (2000):

Ao entrarmos em contato com as obras de Cícero, percebemos uma grande preocupação do autor com o conteúdo e com a forma de suas obras. Independentemente do tema, podemos perceber que as obras de Cícero carregam forte conteúdo moral e grande profundidade filosófica, certamente influência da educação romana e da cultura grega (Silva, 2000, p. 05).

É evidente que muito se pode analisar e dizer em torno das obras de Cícero, quanto à construção da sua retórica e seu caminho de encontro a narrativa histórica. Nos parece, até aqui, segundo as análises propostas até o dado momento, que Cícero na busca por memorizar o ethos moral dos varões de seu tempo, ao narrar os grandes feitos e acontecimentos de sua época, legou, ainda que sem grandes pretensões, dados históricos que podem em muito contribuir para a sustentação argumentativa em torno de uma historiografia ciceroniana da história.

[...] a riqueza de temas gera a riqueza de palavras e, se há nobreza nos próprios temas de que se fala, nasce do tema uma espécie de brilho natural nas palavras, com a condição de que o orador ou escritor tenha formação liberal em sua educação e doutrina juvenis, arda de entusiasmo, seja ajudado pela natureza e, versado nos debates gerais dos gêneros universais, escolha os escritores e oradores mais ornados para estudar e imitar, a fim de que não pergunte a esses mestres a maneira de preparar e abrilhantar as palavras. Assim, em meio a uma abundância de temas, a própria natureza, sem guia, contando que tenha sido exercitada, converge para os ornamentos do discurso (Cícero, De or. II, 89 apud Scatolin, 2009, p. 52).

Isto de que muito se fala, em torno da retórica ciceroniana presente nos escritos de Cícero, ainda que obras dedicadas a retórica e poesia, não parecem limitar-se às mesmas. O que abre parênteses para uma historiografia ciceroniana, a medida em que o objetivo primeiro do autor seja ornar a história através do discurso, mas sem se antepor a história, ou eliminá-la de seus tratados, ou subjugará-la ao próprio discurso. Pois, como bem descreve Cícero logo acima, “a riqueza de temas gera a riqueza de palavras e, se há nobreza nos próprios temas de que se

fala, nasce do tema uma espécie de brilho natural nas palavras” (Cícero, De or. II, 89 *apud* Scatolin, 2009, p. 52).

Dessa forma, há uma espécie de comunhão, ao qual tenta propor o autor, entre o tema, ou seja, determinado evento e fato histórico, com o ornamento do discurso, através das palavras, da retórica poética. E, esses não se eliminam, ou subjugam, mas *coadunam* entre si nas obras do autor, abrangendo a riqueza da obra, que não se limita ao mero discurso sobre determinado tema, mas reflete através das palavras de Cícero, os acontecimentos de uma época.

3.1 A importância dos Antigos para a historiografia e a Tópica História *Magistra Vitae*

Ao analisarmos os escritos de Cícero em busca de sua contribuição para a historiografia, nos deparamos constantemente com a influência dos antigos em suas obras. Cícero, ao buscar resgatar a memória do passado, dos grandes feitos de seus antepassados, assim como de seus contemporâneos, remonta para seus leitores eventos e momentos históricos dignos de memória – assim como eterniza nas linhas da história a memória de seus "heróis". Aqueles aos quais Cícero compreendia como modelos de virtude, que cobertos pela glória, serviriam como exemplos a serem seguidos pelas futuras gerações, e que sob a influência de seus escritos, teriam, portanto, a chance de integrar-se a história viva de um passado póstumo. Ora, ao dedicar-se a escrita do passado, Cícero teria contribuído, portanto, para a historiografia, assim como para a escrita historiográfica. (Sebastiani, 2006, p. 93)

Mas, para além da história da história, o que teriam as obras de Cícero a contribuir? Seria sobre a influência dos antigos, a história, uma mestra da vida? Ou seja, para além de uma área de saber científico, um saber para a vida? Estas são como muitas outras, questões que surgem a partir da análise das obras de Marco Túlio, com base na própria proposta historiográfica realizada pelo poeta e escritor. Pois, o mesmo, fazendo uso de seu saber filosófico, contribuiu, como acredita muitos de seus estudiosos, para o aprofundamento dos estudos historiográficos, remodelando o conceito de como se produzir trabalhos históricos (Bernardo, 2018, p. 30).

Ao fazer uso da mais sofisticada linguagem literária, composta por poesia e prosa, Cícero deu vida a personagens reais, cujo cenário tiveram como palco a Roma de César e muitos outros, que sobre os olhares atentos dele, tiveram, por sua vez, suas relações públicas e privadas expostas com a finalidade de instruir, para além de contribuir acerca dos saberes históricos. Ora, tentaremos, mediante ao que fora exposto, fazermos uso de algumas análises acerca do tema em questão, com o objetivo de nos aprofundarmos acerca de tal conceito, que trabalha a

partir da perspectiva de influência dos antigos na composição de trabalhos históricos como os de Cícero.

Como fora mencionado ao longo dos capítulos anteriores a esse, a obra de Cícero destaca-se para além de sua escrita, por evocar, por assim dizer, a memória de figuras importantes da República de seu tempo, construindo através do discurso, a partir de seus escritos narrativos, os grandes feitos de homens aos quais Cícero acreditava que deviam ser eternizados nas linhas do tempo. Como se o papel da história, em algum sentido, não fosse somente o de propor e garantir a veracidade dos fatos descritos, mas o de tornar imortais os mortais. A história teria, portanto, o poder de fazê-los sempre presentes, conservando na memória das gerações futuras, os grandes feitos de homens do passado (Bernardo, 2018, p. 15).

A escrita científica da história preza pela objetividade assim como pela incorrutibilidade dos fatos históricos. O compromisso primeiro da história, enquanto área de conhecimento na busca por estabelecer-se enquanto ciência, é a verdade. E com isto, a historiografia de nossos dias não vê sem alguma desconfiança a historiografia dos dias de Cícero. A grande encruzilhada para aqueles que defendem uma historiografia ciceroniana da história seria tornar legítima, e até necessária, uma história que não limite-se à posição de informar sobre determinados temas, fatos e momentos da história, mas instruir, na medida do possível, homens e mulheres acerca da vida. Com isto, nos deparamos diante de um conceito importante, mas ainda pouco discutido, “história magistra vitae” que em latim significa ‘história mestra da vida’. Expressão forjada por Cícero para caracterizar seu conceito cujo objetivo é elevar a história, para além de ciência, em um saber e conhecer sobre a vida e para a vida.

Com base nas questões e reflexões que surgem ao longo da análise de algumas de suas obras, pesquisadores como Leonardo Pavez (2011, p. 70) compreende que Cícero acredita que “a vida dos mortos consiste na memória dos vivos”. Com isso, ainda segundo este mesmo autor, o discurso demonstrativo de Cícero acerca de Roma, não difere segundo ele “daquela em que as estátuas são negociadas para a glória dos varões caídos em nome da pátria, segundo o Cícero da nona Filípica” (Pavez 2011, p. 76). O que Cícero realiza em suas obras, através da escrita poética, é para além da literatura, poesia e filosofia, uma forma de tornar através da história a memória dos antigos indispensáveis para nós, homens e mulheres de nossos dias.

A exemplo de Sérgio Suplício, ao qual foi, de acordo com Pavez (2011), negociadas estátuas em favor de sua honra, virtude e glória. Cícero contribuirá para a perpetuação de sua memória através da descrição que realizara acerca deste, ao dizer que “célebre será sempre para

com todos os mortais a fama de sua gravidade, constância, lealdade, insigne zelo e prudência em defender a República” (Pavez, 2011, p. 78). Quanto a isto, o autor infere que:

É precisamente essa perturbação da glória de um cidadão virtuoso que comparecerá na defesa do poeta Arquias, como uma das prioridades de sua cidadania, uma vez que ao poeta cabe imortalizar as ações e virtudes do povo romano e ser imortalizado, em outros monumentos, pelos grandes varões louvados e perpetuados em seus versos, transmitindo-se para as gerações futuras tanto as virtudes poéticas como aquelas éticas (Pavez, 2011, p. 77-78).

Pavez (2011) também observa que para Cícero, não haveria como não defender o poeta e sua função de, através das palavras, exortar, instruir e formar os indivíduos para a vida pública. Para este autor, num movimento de defesa à poesia, assim como num movimento de defesa ao próprio Arquias, Cícero acreditava e asseverava firmemente que o estudo realizado em torno da composição poética configuraria, conforme acreditava, formação na humanidade (Pavez, 2011, p. 79).

Conforme fora escrito por Cícero, (*humanitas*¹⁰), que nada mais seria que uma espécie de treinamento aos jovens desejosos de aspirarem a uma posição de poder no Senado. E, ao realizar uma análise acerca da historiografia ciceroniana, a qual reverenciava em grande estima a importância dos antigos, Pavez (2011) conclui que:

Esta glória da poesia, conforme o Arpinata formula em seu discurso, também se apresentava entre varões de Roma, de modo que Mário e Catulo, (cônsoles), as gentes de Lúculos, de Druso, de Octávio e de Catão, além de Quinto Metelo Númidico e seu filho Pio, trataram Arquias como "sumo respeito e veneração". Logo, mesmo aqueles "que o fingiam", não deixavam de considerar quem efetivamente o venerava, pois, suas amizades (engendradas por esse interesse na grande sapiência de Arquias), garantiam também o respeito por parte dos demais concidadãos. Porque o poeta detém o conhecimento daquilo que consola e alivia o ânimo e os ouvidos, constituindo-se este conhecimento em discurso que se distancia do estrépito forense e das trapaças tanto no que diz respeito à matéria como à sonoridade, é preciso que Cícero defenda Arquias das mãos do tribuno da plebe, uma vez que a poesia cultiva o homem para suportar experientemente os negócios da vida pública (Pavez, 2011, p. 80).

Estes são alguns dos exemplos acerca da eloquência e poder de alcance de Cícero ao escrever, seja a partir de suas descrições sobre Roma, seja sobre seus compatriotas, heróis, amigos, contemporâneos, assim como figuras políticas, públicas, aos quais o poeta e filósofo dedicou-se ao longo de sua vida a escrever. Por acreditar que acerca do futuro, o passado poderia em muito ensinar. Cícero em sua propensa historiografia, aos quais muitos acreditam plausível e discutível, enquanto ciência da escrita histórica, acreditava no poder e influência dos antigos sobre as futuras gerações.

¹⁰ Pro. Arch. III. 4.

Pesa sobre seus escritos, não somente a poesia de suas palavras, seu modo de escrever, sua singularidade em narrar a história, mas também sua defesa apaixonada a uma história capaz de ocupar diversos espaços, para além das fronteiras da ciência, com o poder de alcançar o cotidiano dos indivíduos, fazendo sobrepujar-se as mentes recalcitrantes e guiando por via da estética de suas palavras a ética dos indivíduos. Eis aqui sua profunda crença no conceito ao qual compreendemos como “*história magistra vitae*”.

Entretanto, seria mesmo a história necessária para os indivíduos, para além de sua função primeira de informar e instruir acerca de eventos passados na história da humanidade? Teria como acreditava Cícero, a história, o poder de influenciar o presente e conseqüentemente o futuro a partir do passado? Entre todas essas questões que se impõem ao tema, seria a função da história a de nos fazer aprender com os erros do passado? Ou tudo não passaria de uma idealização utópica de Cícero acerca do poder de alcance da escrita historiográfica?

Ora, as perguntas surgem, questões se impõem, análises e reflexões se estabelecem no âmago das discussões, mas fora Cícero o maior defensor da influência e importância dos antigos, tanto para a poesia, para a literatura e para a história, assim como para a vida pública e política dos seus concidadãos. E nós, que não fomos contemporâneos a Cícero e aos seus, continuamos, pois, a refletir sobre sua proposta a uma historiografia que nasceria a partir da mais elevada escrita. Tudo para ornar a história de beleza e virtude, sem, segundo ele, faltar com a verdade, princípio primeiro de toda e qualquer ciência.

Para Leonardo Pavez (2011, p. 85), “as proezas narradas pelo poeta” não diferem daquelas atribuídas aos militares. Isto porque para o pesquisador, estas descrevem, por sua vez, todas as proezas travadas em nome da glória, através da narração “ao combate aos inimigos” assim como ‘da vitória conquistada com engenho’”. E completa sua linha de análise ao dizer que, “Ademais, o próprio Alexandre invejava Aquiles, por ter sido esse celebrado pelos versos de Homero – poeta disputado pelas cidades de Colofão, Chio, Esmirna e honrado por sua cidade, Salamina: a narração da proeza bélica cabe ao poeta, e não a outro compositor”. (Pavez, 2011, p. 85),

A cidadania de Arquias, isto é, a cidadania do poeta, é construída por Cícero de forma a assemelhar a imagem deste poeta àquela dos grandes poetas que ilustraram Roma, exaltando suas capacidades bélicas por obras permeadas pelo seu engenho e conhecimento sapiencial da cidade. Pavez (2011) prossegue, “mesmo a língua grega, que poderia representar um perigo para a consecução da cidadania deste poeta”, deve ser um ponto mitigado. Isto porque ele acredita que o grego, ao qual ele caracteriza como uma língua ‘universal’, não representaria,

segundo afirma, um problema. Pelo contrário, para este autor, é preferível “cantar Roma em grego do que não permitir que a glória da cidade não seja exaltada por essa língua franca” (p. 85 – 86).

Com isto, é possível analisar que não havia somente a preocupação com a escrita, quanto a forma de se produzir os relatos acerca de Roma, assim como dos importantes personagens de sua história, mas também, nos expõe uma quantidade considerável de personagens históricos, que foram memorados por importantes pensadores e poetas. E Cícero, em seus escritos, por que não haveria de realizar o mesmo – contribuindo por sua vez, para com a historiografia atual, acerca de eventos e acontecimentos da Roma Antiga?

Ora, ademais, Pavez (2011) prossegue com exemplos de personagens históricos que foram memorizados através da narrativa de seus feitos, como se compreende em ‘Pro Archia’, ao qual não estaria preso o herói e o conhecimento de suas ações ao discurso do poeta, como se este, diz Pavez, o “condensasse apenas em verso” (p. 86). E diz a partir das seguintes palavras:

Assim como o nome de Pompeu fora celebrado Teófanos, merecendo este também a perpetuação de sua memória como poeta de versos aclamados até por soldados rústicos e valorosos, também o nome de Décio Bruto consta dos versos de Ácio, seu amigo, que adornam as fachadas dos templos e monumentos desse grande general ---- o império de Bruto foi narrado por Ácio e os versos destes que poderíamos chamar de ornamentos, adornaram os monumentos que Bruto erigira em exaltação de sua própria glória, operando-se uma reciprocidade nas obras de reconhecimento dos varões que se dão voz uns aos outros no firme propósito de aumentar e perpetuar sua glória. A palavra do poeta, assim, immortaliza a memória da excelência, inserindo sua própria obra entre os monumentos do esforço vitorioso. Todavia, o poeta narra a alma, a prudência e a virtude de modo polido, porque as estátuas, as imagens e os retratos são perpetuação da memória dos corpos, porque tudo que compõe espalha e semeia a ação "por toda a memória dos séculos" (Pavez, 2011, p. 86).

É preciso compreender através destes e outros exemplos, aos quais muitos, além de Cícero, realizaram através de seus escritos, quanto a compreensão acerca da proposta historiográfica ciceroniana acerca da história, que carrega em si não somente a beleza, mas a contribuição aos estudos historiográficos através da descrição sobre Roma e importantes figuras da sociedade romana, seja entre suas figuras políticas, públicas ou pensadores. A exemplo de importantes poetas, como Homero, ao qual é feita importante menção, logo acima, quando este teria, por sua vez, louvado em seus escritos Aquiles, famoso entre os gregos e celebrado como um herói.

Nos deparamos com Cícero que realizara com grande proeza e maestria a partir de sua escrita poética, celebrando assim como Homero importantes figuras históricas, contribuindo com a manutenção de importantes feitos e acontecimentos da história. Ao relegar ao povo, a partir de suas obras, não somente a memória, mas o exemplo virtuoso e glorioso de homens que eternizaram-se na história, a partir de obras como as de Marco Túlio Cícero, que tornaram-se atemporais a elas mesmas, Cícero descreve sobre os monumentos que foram erguidos por Décio Bruto e ornadas com os versos de Ácio, realizando, assim, uma espécie de publicidade em torno das proezas, por assim dizer, que são memoradas a partir da axiologia de suas palavras (Cícero, *De or. II*, 89 *apud* Pavez, 2011)

Para Uwe Walter (2004), entre os romanos era comum a característica de erguer monumentos em homenagem às figuras ilustres da República romana, construindo e consolidando para si, desta forma, uma espécie de “memória cultural”. E, assim, Arquias contribui a partir de seus versos quanto a reprodução de um conteúdo axiológico comum entre outras formas de registro, que são difundidas a partir de monumentos erguidos aos heróis de Roma, através de pinturas, estátuas e monumentos. A escrita se caracterizaria, portanto, como um dos instrumentais deste movimento de memorização cultural, como citado acima (Walter, 2004, p. 26)

Não obstante, a partir do conceito ao qual se busca memorar importantes personagens da história, a Carta de Cícero escrita a Luecio, ao qual está em busca por perpetuar suas virtudes às gerações posteriores, nos parece confirmar às proposições de Cícero, dirá Pavez (2011). Aos quais o filósofo e poeta buscava, portanto, através de sua escrita, alcançar por meio da retórica, com versos ornamentados, a composição histórica de seu consulado, a partir da carta, ele descreve os deveres de um poeta e o poder da retórica. A característica fundamental ao descrever os feitos de Cícero enquanto cônsul na República romana, seria o de “oferecer-se enquanto fonte de aquisição da virtude e exortação à prática da excelência no que diz respeito aos negócios públicos [...] de vez que ações virtuosas perpetradas no passado, quando condignamente memorizadas, geram ações virtuosas de fama imorredoura” (Pavez, 2011, p. 87)

Cícero, portanto, seria o porta voz de seu ideal quanto uma história que estaria para além de descrições sobre eventos passados, sobre acontecimentos políticos, sobre disputas e traições. A Historiografia ciceroniana estaria comprometida em levar ao futuro não a lembrança do passado, das perdas e vitórias do povo romano, mas aos exemplos de virtude de homens que “morreram e viveram por sua pátria”. Cícero, que para além de pensador, ocupara cargo de

poder em Roma, seria um destes exemplos de sacrifício e virtude por amor a glória de seu povo. A carta a Lucéio, assim como Arquinas, são espelhos deste ideal elevado de uma história da história, ao qual nutria Cícero para si. Com isto, dirá Pavez (2011, p. 88) “a verdade da glória, estaria na “inteira capacidade de exaltação/ celebração do poeta- historiador”.

Em *De Oratore*, Cícero realiza sua escrita a partir de um modelo que traz como característica um diálogo, ao qual, empreende para si o objetivo de formular e estruturar o que ele compreendia como um novo modelo de orador, que transitaria entre a arte da escrita, a partir da poesia, assim como através da filosofia, criando assim uma espécie de orador/ filósofo. É em *De Oratore*, uma de suas mais importantes obras, que Cícero fará uma exposição de toda a problemática que permearia, segundo ele, os estudos historiográficos. Isto porque para Cícero, conforme expõe em sua obra, acreditaria que haveria uma certa deficiência, por assim dizer, na forma de se produzir história. Ao qual, a partir de seu novo modelo proposto, poderia, por fim, se desvencilhar de uma certa "puerilidade" na forma axiológica predominante dos estudos históricos.

Em *De Oratore*, Cícero não mais tem como preocupação primeira transmitir as ações virtuosas dos varões, mas pontuar acerca da eloquência que requer para si, a construção do discurso historiográfico. Talvez regida neste quesito, seus motivos para pôr-se em defesa de seu modelo de orador ideal, ao qual, a partir da junção de diversas artes, como poesia, literatura, prosa e filosofia pudessem estás, servir como uma espécie de instrumental para a construção da narrativa historiográfica ao qual Cícero considerava convidativa aos leitores, não somente pela construção narrativa que traz a beleza da poesia, mas também através da exortação a virtude, sem comprometer, por sua vez, a veracidade dos fatos narrados. Numa junção de ciência e arte, arte e ciência, com a troca mútua de elementos e componentes para a construção de uma ciência de sapiência, mas também uma ciência a dispor da vida cotidiana, dos indivíduos comuns, não somente aos literatos e letrados. Não somente aos sábios, filósofos e livres pensadores. Não somente a dispor da classe política da República romana, não somente aos de sua época, mas a eles e a nós, contemporâneos.

Para Pavez (2011), ‘*De Oratore*’, escrita em três livros, que segue como anteriormente mencionado, o modelo de um diálogo, confirma-se como gênero “por ser forja onde contemplar as palavras de varões em conformidade com seus mores, presentificando uma conversação entre virtuosos como ela poderia ter ocorrido”. E prossegue ao dizer que “compreende-se assim o ‘*De Oratore*’ como ficção verossímil de diálogo (que poderia ter) ocorrido entre os varões mais preclaros da República” (Pavez, 2011, p. 92).

Ora, todos os estudos e narrativas construídas a partir das análises acerca das obras de Cícero, que poderiam ou não serem potencialmente de valor histórico, assim como de valor filosófico, são carregadas de uma desconfiança necessária que requer toda e qualquer análise em torno de uma obra de possível valor historiográfico. Para Adriano Scatolin (2009), ao analisar os critérios presentes na obra de Cícero, como decoro, autoridade e verossimilhança, presentes na construção do orador, com o objetivo de “conferir a maior credibilidade possível a seu diálogo” (Scatolin, 2009, p. 16).

Assim, surgem, segundo ele, questões inevitáveis, como que maneira ocorreria a empregabilidade destes elementos no texto por parte do autor. São muitos os questionamentos acerca da axiologia presente na construção narrativa das obras de Cícero, mas como bem lembra o autor supracitado, “Cícero soma ao seu juízo a autoridade das personagens” (p. 26). Com isto, apesar de todas as ressalvas que podem ser realizadas em torno de suas obras e de sua propensa historiografia, assim como o ajuizamento presente nelas que relega as futuras gerações a partir do exemplo dos antigos, o conhecimento bem como a virtude, Cícero realiza ainda assim, o feito de romper as barreiras do tempo, sobreviver ao passar dos séculos e ser tema de debate, discussões e análises, em muitos campos de conhecimento, para além da poesia e filosofia, como no campo do estudo historiográfico.

3. 2 A problemática em torno de uma “história para a vida”

A História ser vista como uma conselheira, mas não mais que isto, não podemos imputar à História muito mais do que o seu papel de estudo, não lhe podemos imputar os desejos e as características de uma ciência astrológica, nem o historiador deve ser um vidente, a História pode realmente mostrar que no passado aconteceu algo e mostrar o que aconteceu, mas, de um livro de História para um livro de conduta humana vai uma grande distância. (Fonseca, 2006, p. 4)

Então, estaria a história presa ao passado? E o conceito de uma História para a vida, diante de um sugestivo impasse? História mestra da vida, para além dos livros, das epistemologias de ensino, em outras palavras, “*historia magistra vitae*”. Com base no que sugere Fonseca (2006), a partir de sua reflexão sobre o tema, o passado teria realmente algo para nos ensinar?

Este é um questionamento salutar, que embora represente, em alguma medida, um empasse na construção conceitual de uma história voltada para a vida, não impede de suscitar reflexões que em alguma medida colaboram para o debate sobre o tema, contribuindo, por conseguinte, para a realização de pesquisas e estudos sobre a concepção de tal ideia, enriquecendo o debate em torno do conceito “*historia magistra vitae*”.

Todo conceito, toda ideia, toda proposta científica, assim como o estudo da história se propõe a ser lida com impasses, com propostas e conceitos divergentes, mas que não impedem o diálogo entre tais ideias e os pesquisadores e historiadores que as propõem. Pois, assim como Fonseca (2006) acredita que de um livro de história para um livro de conduta humana vai uma grande distância, vai além, ao indagar o seguinte: “A História continua a ser, dentro dos pressupostos assinalados, mestra da vida, não será igualmente correto sustentar que a vida também é mestra da História? O que nos conduz à seguinte questão: quando pode, afinal o conhecimento do passado produzir sabedoria?” (Bernardes, 2010, p. 69)

E prossegue ao sugerir que o olhar lançado sobre o passado, não somente tem como característica a compreensão do passado em si, mas a afirmação da própria História. Porquanto, acredita que a história influencia a vida, e a vida influencia a história. Por conseguinte, ambas, entrelaçadas entre si, seriam indissociáveis uma da outra. E afirma:

Isto é, da mudança de lente para melhor se retrospectivar o passado – também revela que desta transmutação resulta não apenas a afirmação da História (e da Humanidade) como entidade, mas, outrossim, a sua assunção como memória, presa num jogo em que o futuro não pode ser recalçado (Bernardes, 2010, p. 68-69).

Para Koselleck (2006, p. 42) “Ao longo de cerca de 2 mil anos, a história teve o papel de uma escola, na qual se podia aprender a ser sábio e prudente sem incorrer em grandes erros”. Em outras palavras, a partir dos exemplos do passado, os sujeitos ao tomarem conhecimento de eventos posteriores ao seu tempo, estariam em alguma medida, sob o benefício de aprenderem sob os moldes do passado, tanto para com o presente, quanto para com o futuro.

O uso do termo “*historia magistra vitae*” nos suscita a seguinte questão, conforme propõe (Koselleck, 2006, p. 42): “Falta-nos, ainda hoje, uma descrição de todas as transformações filológicas e semânticas por meio das quais a expressão ‘história’ [Historie] foi conceitualizada. Da mesma forma, falta-nos também uma história da expressão “*historia magistra vitae*”. Para o autor, o termo serviu como base de orientação ao longo dos séculos na forma pela qual os historiadores, segundo ele, compreendiam seu objeto de estudo, assim como servira como base na produção de estudos historiográficos. Entretanto, problematiza as atuais circunstâncias do termo, que permanecera preservado em sua forma verbal, mas alterado em sua forma semântica. Em outras palavras, teria o termo ainda algum impacto na maneira de se compreender e produzir História?

Historia magistra, se a formulação é latina e vem de Cícero (abordando o orador), sua concepção é já grega. Forma-se no século IV a.C., ou mesmo no V, com Tucídides e a definição de sua obra como um *ktêma* para sempre. Mais tarde, a história se

apresenta como uma coletânea de exemplos. Em princípio a história era designada para aquele que se supunha fazer a história: a assembléia popular, o orador, os governantes romanos, posteriormente o príncipe. Por quanto tempo perdurou a historia magistra? A resposta não é tão simples. (Hartog, 2003, p. 13)

Segundo (Koselleck, 2006), Cícero teria cunhado o termo “*historia magistra vitae*”. E caracteriza a expressão ao contexto da oratória, pelo qual segundo ele, o orador é capaz de emprestar um sentido de imortalidade à história como instrução para a vida, de modo a tornar perene o seu valioso conteúdo de experiência. (Koselleck, 2006, p. 43). E conclui ao dizer que:

A tarefa principal que Cícero atribui aqui à historiografia é especialmente dirigida à prática, sobre a qual o orador exerce sua influência. Ele se serve da história como coleção de exemplos -plena *exemplorum est historia* [a história é cheia de exemplos] a fim de que seja possível instruir por meio dela. (Koselleck, 2006, p.43)

Para François Hartog, a relação entre a escrita da história, elevada ao topo da vida, tornava perfeitamente possível a história como mestra da vida. Como ele próprio enfatiza ao dizer que:

Antes, ou seja, quando a relação entre o passado e o futuro era dominada ou regulada por referência ao passado, com o futuro não reproduzindo o passado, mas não indo além, o espírito sabia para onde estava indo. Do ponto de vista da escrita da história, era o tempo em que o topos da história como mestra da vida era plenamente válido. (Hartog, 2003, p. 12)

Em uma das descrições feitas por Hartog, em sua obra cujo título se chama TEMPO, HISTÓRIA E A ESCRITA DA HISTÓRIA: A ORDEM DO TEMPO* faz uma breve alusão a uma conhecida e famosa frase do pensador e historiador Tocqueville: “Quando o passado não mais lança luz sobre o futuro, o espírito caminha nas trevas”. Passagem sobre ao qual, segundo Hartog, alude ao término de (De la Démocratie en Amérique) à grande Revolução em curso.

O que significa possível visualizar uma extensão na relação entre a história, o estudo da história e a história como mestra da vida, a partir dos exemplos que vinculados ao passado assim como ao futuro, poderiam como proposta plausível, surgir como um modelo a ser proposto aos leitores.

Não estaríamos condenando a História a um estado obsoleto ao reduzi-la a informações sobre o passado, sem nenhuma finalidade específica, além do conhecimento sobre o passado por si mesmo? Mas, como realizar uma comunhão entre o passado, o presente e o futuro sem impor a concepção e interpretação daquele que narra o fato histórico em relação aquele que lerá o fato narrado? Eis o grande impasse epistemológico, e, por que não moral, sobre o conceito “*historia magistra vitae*”. Segundo o pesquisador e historiador brasileiro Leandro Karnal:

Existe o passado. Porém, quem recorta, escolhe, dimensiona e narra este passado é um homem do presente. Assim, uma vez produzido, todo texto histórico torna-se ele mesmo objeto de História, pois passa a representar a visão de um indivíduo sobre o passado. (Karnal, 2015. p.7)

Para (Barros, 2020, p. 4-5), o que são, mais propriamente, essas fontes históricas que são tão essenciais para os historiadores? De que maneiras é possível trabalhar com elas, e delas extrair não apenas informações, mas também as mais variadas vozes do passado? Devemos acreditar no que dizem as fontes, ou delas desconfiar? Como tornar essa desconfiança uma atitude “científica”?

Para (Karnal, 2015. p.1) “Discutir o que consideramos um documento histórico é, na verdade, estabelecer qual a memória que deve ser preservada pela História”. É notável a cadeia de complexidade que foi construída e continua por fazer- se em torno não somente do papel da História na sociedade, mas em como definir o que é História.

Sabemos que Cícero compreendia a história como mestra da vida, mas seria realmente possível aprender com o passado? Ou o impasse em questão não estaria se o passado teria algo a nos ensinar, mas sim, se realmente é possível acreditar que aquilo que nos é ensinado através da História é realmente fidedigno ao evento narrado?

Metaforicamente, a História é uma “janela”, em outras palavras, uma “máquina do tempo” capaz de nos teletransportar do presente para o passado, mas ao recuarmos algumas linhas no tempo, em busca da compreensão do que fomos, seria possível também, compreendermos o que somos? E alterar o que poderíamos vir a ser? Seria possível estudar o passado para não repetirmos seus erros? Ou História não é moral? O objetivo ciceroniano de aperfeiçoar moralmente a humanidade através de seus escritos e relatos históricos seria um equívoco historiográfico?

A “*historia magistra vitae*”, aos olhos de Cícero, teria uma função pedagógica, estabelecendo uma relação muito próxima com o passado. Um passado que não mais é olhado de maneira distante, incorpóreo, desligado do presente. O presente é compreendido, por tanto, como uma continuidade do passado.

Embora ligada às preocupações da retórica, a historiografia cicerona, que concebe a história como mestra da vida, se coloca antes de tudo, como uma das formas de instrução das tomadas de decisões políticas de seus cidadãos, sobre a inspiração dos exemplos de seus antepassados, tidos como indivíduos ilustres na História Romana, por suas glórias alcançadas, tanto por Roma, quanto intelectualmente se pode compreender as multiplicidades das glórias possíveis.

Para (Catroga, 2006)

A especificidade do novo discurso historiográfico terá residido na sensibilidade que este revelou em relação à face concreta da vida humana. De certo modo, ela prolongava o protesto que, desde a construção de monumentos e da transmissão

geracional, possibilitada pela oralidade e pela poesia escrita, procurava remediar a inexorável queda no esquecimento das obras e dos feitos dos homens. (Catroga, 2006, p.12)

Enquanto isso, segundo (Gonçalves, 2017)

Mais do que mestra da vida, por oferecer circunstâncias, comportamentos e advertências susceptíveis de nutrir atitude prudenciais, a história é mestra sobretudo por alargar o horizonte de sentido da mesma vida, estimulando e integrando todos os mundos possíveis, que é afinal o que de mais útil pode representar para a existência. (Gonçalves, 2017, p. 195)

O que vai de encontro ao que também aborda sobre o tema, (Catroga, 2006), ao dizer que

É dentro destes parâmetros que aqui se discute a função social que os gregos atribuíam à escrita da história. Esta devia ser bela e pragmática, dado que os ritmos da vida poderiam vir a repetir-se. Mas, enquanto “arte de memória”, e protesto contra a mortalidade a que estavam sujeitos os dizeres e as obras humanas, ela também era monumento, isto é, uma garantia da vitória sobre o esquecimento. (Catroga, 2006, p. 13)

Para (Bernardes, 2010, p. 60) “E, portanto, a história, que era mestra da vida, era também a vida da memória, logo, sobrevivência possível do passado”. Colocando a história ao serviço da oratória, enfatizava-se, sobretudo, o carácter exemplar das coisas pretéritas e não somente o seu registo.

História como disciplina, história como uma pedagogia moral, história como ciência, história como retórica. É complexo imaginar as múltiplas funções que se pode auferir a uma mesma área de conhecimento. Cícero, concordemos ou não, buscou alçar um voo longo ao projetar no estudo historiográfico, a arte, a poesia e a ciência, juntas.

Numa sociedade caracterizada por uma concepção de tempo cíclico, em que a perspectivação da história enquanto magistério transmissor de uma súpula de exemplos deveria servir às gerações futuras, a experiência nunca poderia ser considerada passada. (Bernardes, 2010, p. 61).

Todas estas questões revelam embates conceituais sobre o tema, talvez, nunca cheguem por findar-se. Assim como outrora, antes de nós, muitos outros se proporão a análise de tais questões, posteriormente a nós, haverá inúmeros outros pesquisadores sedentos por compreender o conceito da história como mestra da vida. Que suscita e tem suscitado, defensores de sua ideia conceitual, assim como seu contrário, aqueles que a combatem veementemente e apaixonam ente, no âmbito acadêmico dos estudos da história. Ora, não obstante, a pesquisa realizada por nós sobre o tema, buscou realizar um encontro, uma comunhão, entre as semelhanças e divergências sobre o tema “*história magistra vitae*”. Para

(Le goff, 1990, p. 13) “Ao fazer a história de suas cidades, povos, impérios, os historiadores da Antiguidade pensavam fazer a história da humanidade”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento desta monografia teve como objetivo a análise das contribuições de Marco Túlio Cícero, para o estudo da historiografia. Pois embora filósofo e poeta, Cícero a partir de suas obras, em muito contribuiu para o estudo da história. Com isto, almejamos nossa devida contribuição ao demais estudos estabelecidos em torno do tema.

Os trabalhos existentes em toda sua diversidade e complexidade, que permeiam o estudo da história, por meio da historiografia, são luzes sobre o passado, presente e futuro. E não obstante, Cícero e suas obras, também são faróis em nossa direção, iluminando o caminho na busca pelo conhecimento sobre o passado, assim quanto nossa compreensão sobre o presente. Compreendemos que os escritos de Cícero são fundamentais e indispensáveis para às futuras gerações de pesquisadores e historiadores que desejarem compreender mais profundamente suas obras de valor filosófico, poético e histórico. Pois, o Cícero filósofo e retórico, se entrelaça às linhas da história, na medida em que busca narrá-la e compreendê-la.

Por conseguinte, se faz indispensável ressaltar que o tema em questão, abordado na presente monografia, não tem como pretensão impor-se como verdade absoluta, incontestável e inviolável, sobre os fatos e questões suscitadas ao longo da construção e desenvolvimento do tema nos capítulos elencados, mas tão somente, se propõem a analisar e propor ainda que timidamente, um olhar em direção as obras de Cícero, que permanece e permanecerá entre as grandes obras da humanidade, pelo seu inextinguível e irrefutável valor de caráter poético, filosófico e por que não, histórico? Eis aqui, a grande e insistente problemática entorno de suas obras, que insiste em assombrar gerações de pesquisadores e historiadores, pela qual, não sem algum cuidado, nos arriscamos a nos debruçar.

Estudos sobre a contribuição das obras de Cícero para a historiografia são escassos, é um tema ainda pouco refletido, pouco discutido no ceio da academia universitária. É um tanto quanto desafiador trilhar esse caminho, de ruas estreitas, encoberta pela névoa do passado. Entretanto, nada mais satisfatório que fazer luzir sobre suas obras, freixos de luz. O passado talvez tenha algo a nos ensinar, o que nos custaria, se nos prestássemos ouvidos? Se nos voltássemos para as obras de Cícero, para compreender além do passado, o presente?

Essa não é uma monografia de valor ideológico, que busca moldar o futuro ao reescrever as linhas do passado. É apenas um luzeiro, simbolicamente. É, como podemos afirmar, uma tentativa de evocar as vozes do passado. Cícero, como nenhum outro, nos guiou nessa direção, nos tomou pela mão, nos fez trilhar esse caminho, por vezes seguro, por vezes incerto, mas sempre direcionado para o mesmo objetivo, uma história voltada para a vida.

A presente monografia fugiu aos moldes tradicionais dos escritos acadêmicos, ao propor uma análise acerca de uma história voltada para a vida. Esse trabalho representa uma visão ampla do que seria produzir conhecimento histórico. E abre a possibilidade para que muitos outros escritos, para além daqueles produzidos por Cícero, possam ser compreendidos como material de valor historiográfico.

Nossa importante tentativa de contribuição para os estudos historiográficos foi ampliar o campo de pesquisa da História, criando uma correlação com demais áreas de conhecimento, como a filosofia, a poesia e a prosa. Pontuando a partir desses elementos, todos presentes nas obras de Cícero, que a História enquanto área de saber científico não estaria delimitada somente a historiografia tradicional, mas passivelmente aberta a um diálogo com demais áreas do setor acadêmico, uma vez que não estaríamos limitados a obras de historiadores, mas abertos para obras de filósofos como Cícero, na busca por evidências que contribuíssem para a construção de uma narrativa teórica sobre momentos e acontecimentos do nosso passado histórico.

REFERÊNCIAS

AMBRÓSIO, R. Cícero e a História. **Revista de História**, 2002.

ARISTÓTELES. **Arte Poética**. Trad. de Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2007.

BARROS, J. Fontes Históricas: uma introdução à sua definição, à sua função no trabalho do historiador, e à sua variedade de tipos. **Cadernos do Tempo Presente**, São Cristóvão-SE, v. 11, n. 02, p. 03-26, jul./dez. 2020.

BERNARDO, I. **Política e História em Cícero**: do conhecimento da natureza à ação política. São Paulo, 2018.

BERNARDES, J. A História Como Sagesse. **Revista de teoria da História**, 2010.

CARDOSO, de Almeida Zelia. **A Literatura Latina**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

CATROGA, F. Ainda será a História Mestra da Vida?. **Estudos Ibero-Americanos**. PUCRS, Edição Especial, n. 2, p. 7-34, 2006.

COSTA, da Antônio Marco. **Cícero e a retórica do exílio: as figuras de repetição**. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, p.140, 2013.

D’ALESSIO, Mansor Marcia. **Teoria e História**: uma relação delicada. Expedições: São Paulo, 2016.

DUCLÓS, M. **Cícero, por Plutarco**. Edição Virtual. Consciencia.org. 2001. Disponível em:< http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraDownload.do?select_action=&co_o bra=2236&co_midia=2>. Acesso em: 15 de novembro de 2022.

FIDALGO, A. **Definição de retórica e cultura grega**. 2008. Disponível em:< <https://www.recensio.ubi.pt/modelos/documentos/documento3903.html?coddoc=2601>>. Acesso em: 10 de novembro de 2022.

FILHO, R. O Plutarco Escritor- Ou o Caráter Literário Das *Bioi Paralleloii*. Dissertação (Mestrado em Literatura e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia. Salvador, p. 157, 2014.

GOFF.LE. **História e Memória**. Campinas, SP, Editora da UNICAMP,1990.

GONÇALVES, J. A história — Que "mestra da vida"?. **Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas**. Universidade de Lisboa, 2006.

GONÇALVES, S. **Contributos para a definição do orador ideal**- Estudo e Tradução do “Orator” de Cícero. Universidade de Lisboa, 2017.

HARTOG, F. **Os Antigos, o Passado e o Presente**. Editora Universidade de Brasília, 2003.

_____. **Tempo, História e a Escrita da História: A Ordem Do Tempo.** Tradução do Prof. Dr. Francisco Murari Pires - Departamento de História - FFLCH/USP. Revista de História 148 (1º - 2003), 09-34.

HERNÁNDEZ, M. **Cicerón creador de su imagen política:** Fam., V, 12. Faventia, 1997.

JARESKI, Krishnamurti. **A Inspiração Poética no Ion de Platão.** PUC-SP, 2010.

KARNAL.L; TATSCH. F. **O historiador e suas fontes: A memória evanescente.** São Paulo: Editora Contexto, 2009.

KARNAL.L. Introdução. In: **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas.** Leandro karnal (org.) 6. Ed. 4 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

KOSELLECK. R. **Futuro passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos.** Tradução do original alemão: Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira ; revisão da tradução César Benjamin. -Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

MARTIN, René; GAILLARD, Jacques. **Les genres littéraires á Rome.** Paris: Nathan: Scodel, 1999.

PAVEZ, Leonardo. **História Magistra Vitae: História e Oratória em Cícero.** São Paulo, 2011.

PLUTARCO. **Vidas Paralelas: Alexandre e César.** Trad. Julia da Rosa Simões. São Paulo: Editora L&PM, 2001.

REGO, A. **Equilíbrio e contradição: a Constituição mista na obra de Políbio.** Brasília, 1981.

SANTOS, C. **A Força Da Retórica entre a oralidade e a escrita.** São Paulo, Tabuleiro de Letras, 2016.

SCATOLIN, A. **Tradução de Ad Familiares V, 12, de Marco Túlio Cícero.** 2001. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/linguaeliteratura/article/view/105512/104170> >. Acesso em: 22 de agosto de 2022.

_____. **A invenção no Do orador de Cícero: um estudo à luz de Ad Familiares I, 9, 23.** Tese (Doutorado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

_____. **Cícero, Do Orador 1.1-23.** Porto Alegre, n 12, Dezembro de 2016.

SEBASTIANI, B. **Ao Conceito Ciceroniano De História A Partir Das Definições Historiográficas Gregas.** Phaos, 2006.

_____. **A Política Como Objeto De Estudo.** Tito Lívio E À Reflexão Historiográfica Romana Do Século I a.C. Revista de História, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

VON RANKE, Leopold. **O Conceito de História Universal**. Tradução e Apresentação: Sergio da Mata. In: MARTINS, Estevao de Rezende (org.). *A História Pensada: teoria e Método na Historiografia Europeia de Século XIX*. São Paulo: Contexto, 2010.